

As virtudes infusas no homem segundo Tomás de Aquino: pressupostos de um humanismo cristão

Márcio Fernandes da Cruz¹

Resumo

É sabido que a aquisição da virtude moral se dá pela repetição dos atos bons regulados pela reta razão. Todavia, existem algumas virtudes no homem que não são causadas conforme a perspectiva da repetição dos atos humanos, já que sua causa se dá em nós por intermédio da graça divina. Aqui, nos referimos às virtudes infusas, às quais, excedem a capacidade natural do ser humano enquanto homem. É nesse sentido que Tomás de Aquino investiga a questão das virtudes infusas e, isso ultrapassa em *De virt.*, q. 1, a. 10, os limites das questões filosóficas partindo para uma abordagem que requer um suporte teológico, uma vez que ele discorre sobre a possibilidade de haver algumas dessas virtudes no homem que se configuram enquanto pressupostos de um humanismo cristão, no contexto estruturante da tradição bíblico-cristã ocidental. No entanto, constatamos que a resposta de tal discussão se evidencia a partir de seu sólido argumento, quando ele nos indica que além das virtudes adquiridas pela repetição dos atos humanos, tendidos ao reto agir, são necessárias entre as virtudes existentes no homem, outras às quais são infundidas por Deus. Para Tomás, o ser humano possui um duplo bem, a saber, aquele proporcionado à sua natureza e, outro, que excede a capacidade desta última. Assim, se diz que as perfeições e as formas que são causadas pela ação de um agente natural não excedem a capacidade natural do que as recebe, no caso do homem. As virtudes intelectuais, bem como as morais, adquiridas pela repetição dos atos humanos bons, procedendo dos princípios naturais preexistentes na natureza humana, cedem lugar às virtudes teológicas, de modo que nossos atos são ordenados ao fim sobrenatural, isto é, Deus, que causa nos seres humanos estas virtudes. Todavia, existem as perfeições e as formas que provêm de Deus, o agente sobrenatural da virtude infinita (infusa) que excedem a capacidade da natureza humana e, ainda que o homem adquira por suas capacidades naturais, a virtude moral, estas são insuficientes para alcançar a felicidade perfeita (*beatitudo*), a não ser pela ação de Deus, por intermédio de sua graça, o que possibilita ao homem, pela razão e liberdade, uma inquietude que cessará, uma vez que este encontrar-se ordenado ao fim último (*visio Dei*).

Palavras-chave: Virtudes infusas. Humanismo cristão. Tomás de Aquino.

1 A existência de algumas virtudes infusas no homem

¹ Mestre em Filosofia (UFU), Especialista em Filosofia e Educação (FATECE), Ciências da Religião (UNIASSSELVI) (PUC-MG/ Uberlândia-MG). E-mail: fernandesmedievo@yahoo.com.br

Mestre em Filosofia (UFU), Especialista em Filosofia e Educação (FATECE), Ciências da Religião (UNIASSSELVI)

A aquisição da virtude moral se dá pela repetição dos atos bons regulados pela reta razão. Todavia, existem algumas virtudes no homem que não são causadas conforme a perspectiva da repetição, já que sua causa é a graça divina. Referimo-nos aqui às virtudes infusas, as quais excedem a capacidade natural do homem enquanto homem. É nesse sentido que Tomás de Aquino investiga a questão das virtudes sobrenaturais, investigação que ultrapassa, em *De virt.*, q. 1, a. 10, os limites das questões filosóficas, partindo para uma abordagem que requer um suporte teológico, uma vez que o Aquinate discorre sobre a possibilidade de haver algumas dessas virtudes no homem que se configuram enquanto pressupostos de um humanismo cristão, no contexto estruturante da tradição bíblico-cristã ocidental.

O autor nos indica que, além das virtudes adquiridas pelos atos humanos, são necessárias, entre as virtudes existentes no homem, outras infundidas por Deus. Para Tomás, o ser humano possui um duplo bem, a saber, aquele proporcionado à sua natureza e outro que excede a sua capacidade. As virtudes intelectuais, bem como as morais, adquiridas pela repetição dos atos humanos bons, procedendo dos princípios naturais preexistentes na natureza humana, cedem lugar às virtudes teológicas, de modo que os atos passam a ser ordenados ao fim sobrenatural, Deus, causa, nos seres humanos, das virtudes infusas.² Tomás faz alusão à distinção entre *actus primus* e *actus secundus*. A alma, como princípio da vida, é um *actus primus*, ou primeira perfeição, aquilo que dá a vida ao corpo pela ação de Deus.³ De igual modo, a última perfeição do homem (*actus secundus*) é a felicidade perfeita pela qual ele tende a descansar em Deus, adquirindo, distintamente da felicidade terrena, a beatitude da vida eterna. Parece-nos que Tomás apresenta a teoria de uma dupla felicidade (*duplex beatitudo*), a saber, a felicidade terrena e a felicidade eterna, que consiste no descanso em Deus, a chamada *visio Dei*.⁴

² I-II, q. 63, a. 3c.

³ Acerca da distinção entre *actus primus* e *actus secundus*, cf. Tomás de Aquino, *De veritate*, q. 27, a. 3, ad 25. Editio Leonina XXII/3, Roma, 1973, p. 801. Esta questão se intitula *De gratia*.

⁴ I-II, q. 4, a. 5c. "... *duplex est beatitudo, una imperfecta, quae habetur in hac vita; et alia perfecta, quae in Dei visione consistit*".

Por esse motivo, faz-se necessário que, assim como a alma racional, a primeira perfeição no homem, exceda a capacidade da matéria corporal, também a beatitude da vida eterna, que pode ser alcançada pelo homem, exceda a capacidade da natureza humana. De igual modo, conforme Tomás de Aquino, devem existir algumas perfeições do homem mediante as quais ele se orienta ao fim sobrenatural; nesse sentido, o homem é perfeito, em relação ao fim, de dois modos: 1) Segundo a capacidade de sua natureza; 2) Segundo a perfeição sobrenatural, em que o homem é perfeito por excelência, diferentemente do primeiro modo, onde ele é perfeito de forma relativa. Tratam-se dos princípios sobrenaturais das operações, dados por Deus ao homem, ainda que, nesse, existam os princípios naturais, que lhe são necessários para que possa realizar prontamente as ações que se ordenam ao fim, a vida eterna. As virtudes infusas são a fé, a esperança e a caridade; Tomás nos aponta que, pela fé, o intelecto é iluminado pelo conhecimento das verdades sobrenaturais; pela caridade e esperança, a vontade adquire uma inclinação mediante o bem sobrenatural, o que não ocorre quando ela se ordena à inclinação natural, ainda que de modo adequado.

Em se tratando das virtudes infusas, podemos dizer que, em Tomás de Aquino, a fé é uma virtude que tem como objeto a verdade primeira, ou seja, Deus, de modo que nada está nela senão enquanto esteja ordenado para Deus. Por esse motivo se diz que a fé é a primeira virtude infusa, enquanto *actus fidei est primus motus (mentis humanae) in Deum*, ou seja, o ato da fé, como a primeira virtude teologal, é o primeiro movimento da mente humana a Deus. Segundo Agostinho, citado por Tomás, Deus é honrado pela fé, esperança e caridade.⁵ Com relação à esperança, dizemos que ela é uma virtude a partir do momento em que se considera a natureza de seu ato ordenado para Deus, visto que seu objeto formal é o auxílio divino por seu poder e piedade. No que tange à caridade, ela consiste em amar o bem por si mesmo, a fim de que nele o homem permaneça. E, se esse bem é o próprio Deus, ele infunde nos homens a virtude da caridade para que eles amem ao próximo como a si mesmos.

⁵ *Expositio super librum Boethi De Trinitate* I, q. 3, a. 1c. e a. 2c.

2 O aumento das virtudes infusas

Após investigar a existência das perfeições do homem mediante as quais ele se ordena ao fim sobrenatural, Tomás passa a discutir, em *De virt.*, q. 1, a. 11, acerca do aumento dessas virtudes. Compreendemos que as virtudes infusas aumentam no homem, do mesmo modo que as virtudes morais, mediante os atos repetidos pelos quais são causados. Isso não pode se dar de outra forma, a não ser por intermédio da ação de Deus, que as causa. Por esse motivo, não podemos mensurar uma virtude infusa nem tampouco o momento em que os seres humanos as adquirem.

Tomás utiliza a analogia de forma e substância, com relação ao aumento das virtudes infusas. Para ele, a forma se diz ente não por ela mesma, mas pelo fato de que, por ela, algo vem a ser, de modo que o sujeito seja reduzido ao ato. Isso ocorre igualmente com relação ao aumento das qualidades. Por outro lado, o aumento da substância ocorre por ser ela própria o sujeito do movimento que faz com que uma quantidade menor se estenda a uma maior (movimento de aumento). De igual modo, em se tratando da virtude da caridade, ela aumenta por si mesma e nos seres humanos à medida que se torna arraigada, assim como ocorre com as outras virtudes infusas (fé e esperança). Uma vez que o ser humano tem os seus atos potencializados e regulados pela reta razão, isso não significa que já tenha obtido uma virtude moral. Para tanto, faz-se necessário que o *habitus* seja inclinado para o bem, a fim de que a ação seja mais intensa e os atos potencializados atinjam a condição de ato, o que facilita o aumento da virtude. Assim, conforme a intensidade do ato bom do ser humano, a ação será perfeita e cada vez mais o *habitus* será aumentado. Quando algo é reduzido perfeitamente da pura potência ao ato perfeito da forma pela ação de um agente (*habitus*), podemos dizer que, gradativamente, sua intensidade aumentará. Tomás nos indica que isso se dá de duas maneiras: 1) Pela própria natureza da forma, visto que o que a aperfeiçoa é algo indivisível, tal como o número. O número binário ou ternário não se caracteriza conforme o mais e o menos, visto que não há mais ou menos nas quantidades designadas pelos números, como por exemplo, dois ou três côvados e, com relação às figuras, triangular ou quadrangular, bem como nas proporções, dobro e triplo; 2) Pela relação da forma com o sujeito, pelo fato de ser ela inerente a ele de modo indivisível, como no caso da

brancura que não se diz mais ou menos, mas branco. Essa perspectiva não se aplica às virtudes infusas, pois essas não se intensificam ou diminuem, visto que sua natureza não consiste naquilo que é indivisível no tocante aos números, e tampouco elas dão o seu ser substancial ao sujeito, no caso das formas e substâncias que diminuem ou intensificam.

O ser humano adquire as virtudes infusas de modo meritório com relação aos atos, visto que são causadas por Deus. Não obstante, as virtudes infusas podem aumentar, a partir do momento em que estiverem profundamente anexadas ao homem, como por exemplo, a caridade que aumenta na vida presente. Segundo Tomás de Aquino, essa virtude aumenta porque possibilita ao ser humano tender a Deus, a quem não se chega com passos corporais, mas com afetos da alma, para alcançar a bem-aventurança. A caridade opera essa aproximação entre o homem e Deus, unindo-o a ele num caminho excelente. Por esse motivo se diz que “é da razão da caridade da vida presente aumentar, visto que, se assim não fosse, cessaria o caminho.”⁶ Todavia, essas virtudes podem diminuir no homem, caso ele não se esforce para adquiri-las. Esse esforço não se dá igualmente com relação à aquisição das virtudes morais, que requerem a repetição dos atos bons; trata-se de um esforço da alma humana que meritoriamente obterá essas virtudes por intermédio da graça divina. Ressaltamos que, conforme Tomás de Aquino, as virtudes infusas não aumentam na alma por adição, porque em toda adição se acrescenta uma coisa a outra e, com relação à caridade, por exemplo, não se pode acrescentá-la a outra caridade – para que isso ocorresse, seria necessário pressupor uma distinção entre duas caridades.⁷

As virtudes infusas só aumentam por intensidade nos seres humanos e não por adição. Ao falar de intensidade, referimo-nos à categoria da qualidade, porque as virtudes sobrenaturais, ou infusas, não aumentam numericamente, o que, igualmente, pode ser dito a respeito das demais virtudes. Desse modo, aquele que age justamente, também agirá prudente, temperante e corajosamente; aumentar por intensidade não significa aumentar por essência, porque a forma substancial que dá o ser, conforme Aristóteles, no VIII da

⁶ II-II, q. 24, a. 4c.

⁷ II-II, q. 24, a. 5c.

Metafísica,⁸ não admite intensificação ou diminuição, pois o ser como ser não conhece o menos e o mais, bem como o tempo e o espaço e, tampouco, a relatividade quanto a outro ser.

A caridade como uma virtude infusa não aniquila a virtude da justiça, ao contrário, a pressupõe, o que se aplica a todas as virtudes infusas. É mister destacar, ainda, que as virtudes cardeais e as demais virtudes morais e intelectuais apresentadas por Aristóteles na *Ethica Nicomachea* são independentes das virtudes infusas porque se referem a todos os seres humanos.

No que concerne às sugestões estruturantes de um humanismo cristão, oferecidas pela perspectiva bíblico-cristã, compreende-se que a caridade enquanto virtude infusa, deve ser considerada em seu autêntico valor de critério supremo e universal de toda a ética social. Nesse sentido, o Papa João XXIII nos aponta “os valores da verdade, da justiça, do amor e da liberdade nascem e se desenvolvem do manancial interior da caridade.

A convivência humana é ordenada, fecunda de bens e condizente com a dignidade do homem, quando se funda na verdade; realiza-se segundo a justiça, ou seja, no respeito efetivo pelos direitos e no leal cumprimento dos respectivos deveres; é realizada na liberdade que conduz com a dignidade dos homens, levados pela sua própria natureza racional a assumir a responsabilidade pelo próprio agir; é vivificada pelo amor, que faz sentir como próprias as carências e as exigências alheias e torna sempre mais intensas a comunhão dos valores espirituais e a solicitude pelas necessidades materiais.⁹

Além disso, o Papa João Paulo II, exortou os fiéis em uma de suas audiências catequéticas que “a caridade pressupõe e transcende a justiça: esta última deve ser completada pela caridade”.¹⁰

Para Tomás de Aquino, nenhuma legislação ou sistema de regras ou mesmo pactos é capaz de persuadir homens e povos a viver na unidade, fraternidade e na paz – nenhuma argumentação poderá superar o apelo da caridade. Desse modo, somente ela, em “*forma virtutum*”¹¹ poderá animar e conduzir o agir social em vistas de um humanismo no contexto de um mundo cada vez mais complexo na pós-modernidade.

⁸ Met. VIII, 3. 1043 b 1-5.

⁹ JOÃO XXIII, Carta enc. *Pacem in terris*: AAS 55 (193) 265-266 in Compêndio de Doutrina Social da Igreja – Pontifício Conselho “Justiça e Paz”. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 124.

¹⁰ JOÃO PAULO II, *Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz 2004*, 10: AAS 96 (2004) 120.

¹¹ II-II, q. 23, a. 8.

Com efeito, Tomás de Aquino sustenta que nem todos os homens estão obrigados a ter a perfeita caridade.

Há certa perfeição sem a qual pode existir a caridade, que pertence ao bem-estar da própria caridade; a saber, rechaçar as ocupações seculares, que em sua natureza retardam o afeto humano para o progresso livre até Deus. No entanto, há uma outra perfeição da caridade, que não é possível ao homem nesta vida, e existe outra ao qual não pode chegar nenhuma natureza criada. É evidente que todos estão obrigados àquilo sem o qual não podem conseguir a salvação eterna. Por isso, todos estão obrigados à primeira perfeição da caridade, como à caridade mesma. De fato, à segunda perfeição, sem a qual pode existir a caridade, os homens não são obrigados, por ser suficiente para a salvação qualquer caridade. Muitos menos também estão obrigados à terceira e à quarta perfeição, porque ninguém é obrigado ao impossível”.¹²

Para Tomás de Aquino, o ato próprio da caridade é o amor enquanto tal. Pelo fato de ser uma virtude, a caridade tem por sua essência, uma inclinação para o seu ato próprio. Assim, “o ato próprio de caridade daquele que ama é amar e não ser amado. Todavia, ser amado lhe convém pela razão comum de bem, uma vez que um outro é movido para o seu bem por um ato de caridade.”¹³

No que concerne à virtude infusa da fé, Tomás nos assinala que o seu objeto é a verdade primeira, isto é Deus. A fé só é capaz de dar seu assentimento a alguma coisa apoiando-se na verdade divina como meio. Contudo, nada pode estar sob a fé, senão enquanto ordenado para Deus como certeza daquilo que não se conhece para a natureza humana.¹⁴

O contexto patrístico e medieval já nos assinalava uma máxima defendida por Agostinho e posteriormente pelo próprio Tomás de Aquino, que sustentava que “para aprender é necessário crer” (*credo ut intelligam*). Tal máxima pode ser considerada em tempos atuais, seja em perspectiva secular ou religiosa, uma vez que os homens podem aprimorar suas ações morais por meio das virtudes intelectuais e infusas, sobretudo da virtude infusa da fé que pode impulsioná-los ao estado de visão perfeita da bem-aventurança, se crerem em Deus, assim como o discípulo que crê no mestre que lhe ensina.¹⁵ Tal perspectiva de crer, não se trata de uma obrigação moral e tampouco de um preceito exterior, mas de uma exigência da própria natureza humana que ao se ordenar a Deus é conduzida aos seus desígnios.

¹² *As Virtudes Morais*. q. 2, a. 11c.

¹³ II-II, q. 27, a. 1c; 1Cor 13, 1-13.

¹⁴ II-II, q. 1, a. 5c.

¹⁵ II-II, q. 1, a. 3c.

A virtude da esperança tem enquanto ato próprio, essência e objeto, Deus. Desse modo, Tomás de Aquino argumenta que enquanto esperamos alguma coisa como possível pelo auxílio divino, nossa esperança se refere ao próprio Deus em cujo auxílio confia. Com efeito, a esperança atinge Deus de duas maneiras, a saber enquanto felicidade esperada que é a causa final da esperança, considerada enquanto objeto material, ou enquanto aquele no qual confiamos já que é o único que capaz de nos conduzir a essa felicidade ou bem-aventurança eterna. E é nesse sentido que a esperança se configura enquanto uma virtude infusa, já que ela torna bom o ato do homem.¹⁶

Em tempos sombrios, próprios da pós-modernidade os homens parecem não mais se atentarem para as questões éticas, em detrimento dos enfrentamentos inúmeros paradigmas que já se estruturam nas sociedades e de algum modo lhes impedem de empreenderem uma manutenção moral, do ponto de vista subjetivo e a partir disso, contribuírem para uma efetivação de tal manutenção em âmbito coletivo.

Os tempos de incerteza e desumanização na pós-modernidade, afetam os sujeitos de maneira mordaz e incisiva, conduzindo-os a um contexto de cultura de morte, estruturado por relativismos, inversão e supressão dos valores morais. De acordo com as releituras antropocêntricas, as relações são baseadas em fugacidades e liquidez, o que deturpa sem esforços, a dignidade da pessoa humana, permitindo que os sujeitos se percam de si mesmos e se enveredem por caminhos incertos, descaracterizando-se o sentido estreito de humanismo, seja do ponto de vista filosófico, psicológico, sociológico, histórico ou religioso.

Em contrapartida, compreendemos que as virtudes infusas (fé, esperança e caridade), a partir de uma tradição bíblico-cristã podem ser consideradas pressupostos e paradigmas para a efetivação de uma estruturação humanística dos sujeitos na pós-modernidade. Ainda que estes estejam em cenários de desumanidade e atrofiamento da racionalidade humana, é possível encontrar na prática e efetivação das virtudes infusas, um caminho que lhes viabilize uma conexão mais estreita com o transcendente, uma vez que suas ações morais, antes tendidas ao reto agir, e aprimoradas

¹⁶ II-II, q. 17, a. 1c.

pelas virtudes éticas (Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza) podem conduzir-lhes posteriormente ao fim último a ser atingido, isto é Deus, a fim de que se vivencie efetivamente as bem-aventuranças que não são exclusivamente para aqueles que optam livremente por viverem num contexto de ética cristã, mas de uma ética das virtudes em âmbito universal.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perine. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 2001.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*: I-II, q. 4., II-II, q.1-27. Coord. geral das traduções de Carlos Josaphat Pinto de Oliveira. São Paulo: Loyola, 2005.

AQUINO, Tomás de. *Expositio super librum Boethi De Trinitate. Kommentar zum Trinitätstraktat des Boethius I*, latim-alemão, trad. e introd. Por Peter Hoffmann em colaboração com Hermann Schrödter, Herders Bibliothek des Mittelalters, vol. 3/1, Freiburg, Basel, Wien, Herder-Verlag, 2006.

Aquino, Tomás de. *De veritate*, q. 27, a. 3, ad 25. Editio Leonina XXII/3, Roma, 1973, p. 801.

AQUINO, Tomás de. *As virtudes morais*. Trad. Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas: Ecclesiae, 2012.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

JOÃO XXIII, Carta enc. *Pacem in terris*: AAS 55 (193) 265-266 in *Compêndio de Doutrina Social da Igreja – Pontifício Conselho “Justiça e Paz”*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 124.

JOÃO PAULO II, *Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz 2004*, 10: AAS 96 (2004) 120.